

Habitação

Simpósios e Centros de Estudos da Construção Habitacional

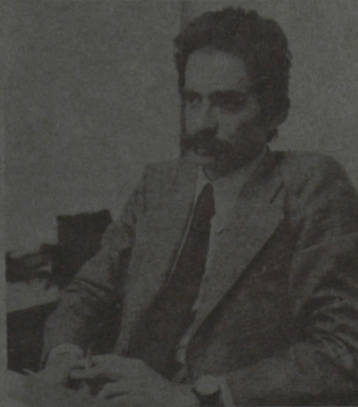
A realização de reuniões como as previstas por ocasião do Simpósio do BNH na Bahia, em minha opinião, deveriam constituir-se essencialmente como complemento às atividades normais e sistemáticas de Centros de Estudos da Construção.

Mas eles não existem, foram sumariamente desestimulados ou fechados, não se sabendo exatamente com base em que razões e critérios, resultando disto que sentimos no dia-a-dia profissional a falta de estudos conduzidos cientificamente ou mesmo de literatura técnica sobre os assuntos que nos interessam como engenheiros civis ou arquitetos. Entendo que caberia aos Centros de Estudos da Construção, a par das pesquisas que fossem programadas anualmente segundo critérios de prioridade, manter informados os técnicos interessados, unificar, condensar e divulgar os conhecimentos atuais, promover cursos de reciclagem de profissionais, manter arquivos e bibliotecas técnicas, etc., inicialmente, tudo relativo à construção da habitação. Depois, outras funções teriam de ser desenvolvidas, sempre do ponto de vista científico, tecnológico, econômico, cultural.

As matérias estudadas e previamente publicadas seriam então levadas a debate em Simpósios para receber crítica e subsídios. Programados com espaços de um a dois anos, incluindo a participação da indústria, dos construtores, dos engenheiros, dos arquitetos, da universidade e dos usuários finais, os mesmos Simpósios então ganhariam a dimensão necessária. Lembro que esta atividade organizada é indispensável para que se possa obter recomendações sérias, não improvisadas, e para que possamos nos aproximar de soluções cada vez mais adequadas à nossa economia.

Creio que, apesar de todos os esforços individuais até hoje verificados, somente teremos condições de erigir uma linguagem técnica nacional válida se conseguirmos montar no Brasil um sistema de estudos semelhantes, com programas e planos bem caracterizados e com prazos definidos, o que evidentemente não ocorre hoje. Além disso, tal sistema requer, além de recursos indispensáveis do BNH, o apoio seguro do Ministério da Indústria e do Comércio, CNPq, ABNT, Conmetro; etc. para que o produto do trabalho seja desde logo considerado no dia-a-dia da indústria da construção.

A meu ver, as reuniões semelhantes até hoje verificadas, conquanto tenham sido merecedoras de reais contribuições por parte das entidades e dos profissionais, tiveram um caráter, por assim dizer — bissexto, eventual. Todo o entusiasmo proporcionado anteriormente por cada oportunidade representada por aquelas reuniões perdeu-se ou arriscouse a tal, resultando que volumosos anais contendo teses variadas estão empoeirados e inaproveitados por aí, para quem quiser ver. Quero di-



zer que estamos com muitas idéias, mas não há perspectiva para sua sistematização, para seu desenvolvimento ordenado. Planos e programas de estudos técnicos cuja continuidade assegurem alguma vantagem final poderiam ser concluídos em prazos curtos e custos baixos, dependendo apenas da indispensável iniciativa governamental.

Se por um lado nota-se hoje maior preocupação por parte do BNH sobre a questão, por outro lado, não acho recomendável que a mesma entidade assumia ela mesma as tarefas da promoção dos estudos técnicos. Sabemos que sua estrutura existe para os fins próprios de banco e não os de um Centro de Estudos. No entanto, acho que a Assessoria de Pesquisas do BNH, dependendo de várias considerações ainda por fazer, poderia ser entendida hoje como um novo embrião naquele sentido.

Há muita gente capaz tecnicamente para organizar, e poder formular novas propostas para cada problema da grande lista existente. Portanto, não é por sua falta que se justifica a inexistência de Centros de Estudos para a construção ou organismos semelhantes. O desperdício em esforços e capacidades humanas portanto tem sido grande, pois bem sabemos que as iniciativas tem sido, como disse acima, bissextas, sem prazos estabelecidos nem previsão de continuidade, embora dêem novo alento às esperanças, sempre que se apresenta nova oportunidade.

Desejo lembrar mais uma vez que as atividades ligadas à construção civil são das mais prejudicadas por falta de estudos, publicações técnicas ou normas genuinamente nacionais, embora signifiquem item de grande peso no bolo econômico nacional e portanto necessitem de apoio e informações tecnológicas de fácil acesso. Isto se dá de outro modo em outros campos da indústria, cujo conhecimento nos tem chegado pronto, por via das necessidades do comércio exterior ou da presença dos grupos multinacionais, cuja literatura e normas estão aí, vindas já empacotadas e em seguida adotadas, o que poderia ser evitado de certa forma na arquitetura e na engenharia civil se começássemos desde já a ordenar nosso cabedal tecnológico, nossas soluções. As pers-

pectivas a longo prazo, à medida que se vão sucedendo os fatos, não me alegram em face do risco da inadequação das soluções tecnológicas puramente importadas para o nosso caso brasileiro. Não se conhecem atualmente no país sequer a existência de planos ou programas de estudo, embora se fale da existência de verbas. Mas, o Simpósio sobre Barateamento da Construção Habitacional em 1978 é mais uma iniciativa, e pode vir a representar alguma esperança se as autoridades responsáveis conceberem a oportunidade como o momento definitivo para iniciar os investimentos e para demonstrar na prática que incorporaram à sua consciência não ser possível enriquecimento tecnológico do país sem que se o faça de modo regrado, planejado e coerente, na área da construção civil também. Em nenhum país verificou-se progresso material sem atitude idêntica a respeito.

A expectativa continua grande e prosseguimos nosso trabalho. O fato é que para poder realizar grandes planos de construção em massa, um país pobre como o nosso não poderá continuar a dar-se o luxo do empirismo e da improvisação que constatamos diariamente nas decisões em todos os níveis das atividades da Construção Civil, o que dá como resultado prejuízos já difíceis de avaliar. Estes, aliás, são em parte corrigíveis a médio prazo com iniciativas idênticas às que vimos defendendo.

De minha parte, convidado pelo BNH a produzir uma pequena colaboração, estou encaminhando um estudo sucinto que, feito dentro do tempo pessoal de que dispunha, procura demonstrar a viabilidade de, em curto prazo, podermos contar com um catálogo de fichas que recomende a padronização dimensional modular de maior parte dos componentes para a construção da habitação a baixo custo no Brasil, visando assim à criação neste campo de uma linguagem comum ao construtor, ao engenheiro, ao arquiteto, à indústria e, porque não dizer, ao comércio dos produtos, de modo a reduzir os desperdícios atuais. Entretanto, esta nada mais é que uma pequena contribuição pessoal. João Honório de Mello Filho

MAQUETES

D&P. MAQUETES
rua Itapirú 412 276-7152

O Arquiteto João Honório de Mello Filho (formado em 1965) tem dedicado quase toda a sua vida profissional em São Paulo e no Rio de Janeiro aos projetos para a construção racionalizada e pré-fabricada, visando à realização de grandes quantidades de habitações ou escolas. Atualmente é superintendente de Projetos da Companhia de Construções Escolares do Estado de São Paulo — Conesp, onde implantou e vem aperfeiçoando princípios que considera básicos para a edificação em massa de escolas, com o concurso de grande parte dos escritórios de projeto estabelecidos no Estado.